

A questão da técnica e seus desdobramentos em Martin Heidegger

The question of the technique and its deployments in Martin Heidegger

Ricardo Ruthes

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

ricardo_ruthes@yahoo.com.br

<http://lattes.cnpq.br/0407457263872766>

Resumo

O presente artigo realiza uma investigação sobre a questão da técnica segundo Martin Heidegger, sendo que tal questão perpassa a pergunta sobre a essência da técnica. Essa essência não se faz presente, como se pode pensar, na definição instrumental da técnica, que a toma por um meio para um fim realizado pelo ser humano, mas, deve-se compreender a técnica como um modo de desencobrimento do real como ἀλήθεια, caracterizada como ποιησις, ou produção, o que define bem a técnica na antiguidade. Porém, ao se tratar da técnica moderna, afirma Heidegger, tal definição não é suficiente, pois, esta, ao contrário da técnica antiga, não visa o desencobrimento como ποιησις e sim um desvelar no sentido de tomar todo o real como disponibilidade de exploração, isso ocorre porque sua essência repousa na composição, que é a força que desafia o homem a dispor do real como disponibilidade, tornando-se, também, destino, que é o modo com que o homem desencobre o real.

Palavras-chave

Técnica; Composição; Essência.

Abstract

The present article makes an inquiry into the question of technique according to Martin Heidegger, since this question pervades the question about the essence of the technique, this essence is not present, as one might think, in the instrumental definition of technique, which means to an end realized by the human being, but, one must understand the technique as a way of discovering the real as ἀλήθεια, characterized as ποιησις, or production, which well defines the technique in antiquity. However, in the case of modern technique, Heidegger asserts, such a definition is not sufficient, since, contrary to the old technique, it does not seek to unmask as ποιησις but rather to unveil in the sense of taking all the real as availability of exploitation, this is because its essence rests in composition, which is the force that challenges man to dispose of the real as availability, becoming also destiny, which is the way in which man uncovers the real.

Keywords

Technique; Composition; Essence.

1. Introdução: Heidegger; um homem a serviço do seu tempo

A finalidade do presente texto é de apresentar a forma pela qual o filósofo Martin Heidegger discute, em alguns de seus escritos e conferências, a questão da “técnica”, assim como seus principais desdobramentos para a humanidade e, em especial, para a modernidade. Porém, deve-se primeiro apresentar um breve relato biográfico do filósofo em questão, uma vez que tal feito se torna relevante por conta do período em que o autor viveu, o século XX, que teve alguma influência sobre sua reflexão acerca da questão da técnica. Também, por meio da análise suprarreferida, se poderá compreender a decisiva influência do filósofo Edmund Husserl sobre

o pensamento de Heidegger, em especial pela aplicação do método fenomenológico que se faz presente em suas obras.

Heidegger, filósofo alemão, nasceu em Meeskirch (Grão-Ducado de Baden) em 1889 e morreu em maio de 1976, em Freiburg-im-Breisgau. Sua formação filosófica foi adquirida na universidade de Freiburg-im-Breisgau, onde estudou com Edmund Husserl (1859-1938), pai da fenomenologia. A fenomenologia é o estudo da consciência e dos objetos da consciência tais quais eles são. A redução fenomenológica, “epoché”, é o processo pelo qual tudo que é informado pelos sentidos é mudado em uma experiência de consciência, em um fenômeno que consiste em se estar consciente de algo. Coisas, imagens, fantasias, atos, relações, pensamentos, eventos, memórias, sentimentos, etc. constituem nossas experiências de consciência. Husserl propôs que no estudo das nossas vivências, dos nossos estados de consciência, dos objetos ideais, desse fenômeno que é estar consciente de algo, não devemos nos preocupar se ele corresponde ou não a objetos do mundo externo à nossa mente. O interesse para a fenomenologia não é o mundo que existe, mas sim o modo como o conhecimento do mundo se realiza para cada pessoa. A redução fenomenológica requer a suspensão das atitudes, crenças, teorias, e colocar em suspenso o conhecimento das coisas do mundo exterior a fim de concentrar-se a pessoa exclusivamente na experiência em foco, porque esta é a realidade para ela. Heidegger, ao longo de diversas obras, põe o método de Husserl em prática, com a intenção de encontrar, no seio do ente, aquilo que desde os gregos entrou em processo de esquecimento, a saber, o sentido do ser.

Dando continuidade a análise biográfica do autor, percebe-se que este doutorou-se em de 1914 e, no mesmo ano, publicou um pequeno trabalho intitulado *A teoria do juízo no Psicologismo – Contribuições crítico-positivas a lógica*. Dois anos depois, habilitou-se para o magistério na Universidade de Freiburg, com uma aula sobre o conceito de tempo nas ciências históricas, e publicou *A doutrina das categorias e da significação em Duns Scotus*. Em todos esses trabalhos, transparece a influência do método fenomenológico de Husserl. Em 1923, Heidegger assumiu uma das cátedras da Universidade de Marburg e começou a projetar-se entre os especialistas, por meio de interpretações muito pessoais dos pensadores pré-socráticos, como Heráclito e Parmênides.

Em 1927, publicou seu maior e mais conhecido trabalho (embora inacabado), intitulado *Ser e Tempo*. Essa obra projetou-o de imediato como o mais famoso representante da filosofia existencialista, qualificação que mais tarde ele repudiou. Em 1928, retornou a universidade de Freiburg, sucedendo a cátedra do antigo mestre, Husserl. Em 1929, publicou diversas obras: *Que é a metafísica?* (lição inaugural na universidade de Freiburg), *Kant e o problema da metafísica* e *Sobre a essência do fundamento*.

Algumas das obras acima intituladas abordam o tema da técnica, porém, o que se deve olhar com ênfase nessa apresentação biográfica é a época em que Heidegger viveu, pois, apesar do fato de a técnica moderna ter iniciado seu desenvolvimento a partir do século XVIII, com a criação das primeiras máquinas complexas que serviriam para acelerar a produção no período histórico chamado de Revolução industrial, apenas no século XX surgiram as primeiras, grandes consequências desse processo. Como consequência se pode listar: o Holocausto, como técnica de se matar mais indivíduos de forma rápida; a energia atômica, como técnica de gerar eletricidade ou dizimar populações; como afirma Heidegger (2002), a “agricultura [que] tornou-se indústria motorizada de alimentação”; ou ainda o que Heidegger (1991) chama de “cibernética”, que “permite o controle de todo planejamento possível e de toda organização do trabalho humano”. Apenas vivendo na época em que viveu, Heidegger pode se debruçar sobre a questão da técnica da forma que fez, e, compreendendo tal época se torna mais plausível entender o pensamento desse autor.

Uma vez encerrada a análise biográfica preliminar sobre Martin Heidegger, que teve por finalidade apresentar uma possível correlação entre o período na qual o autor viveu e sua problematização acerca da questão da técnica, se faz possível o início da exposição sobre a temática supracitada.

2. Questionamento preliminar sobre a questão da técnica em Heidegger

Para bem fundamentar o atual texto, será utilizado como base a conferência de Heidegger, intitulada *A questão da técnica*. A conferência foi proferida em 18 de dezembro de 1953, no Auditorium Maximum da Technische Hochschule (Escola Técnica Superior) de Munique, na série *Die Künste im technischen Zeitalter* (As artes na idade da técnica), promovida pela Bayerische Akademie der schönen Künste (Academia de belas-arts da Baviera), sob direção do presidente Emil Praetorius e publicado no terceiro anuário da academia, *Jahrbuch*, sob redação de Clemens Graf Podewils.

Analisar a questão da técnica em Heidegger compreende, primordialmente, explicar, de maneira mais completa e profunda possível, uma única afirmativa desse filósofo, na qual está contida a definição do que seria a técnica, segundo ele. A definição dada pelo autor é a seguinte: “Técnica é uma forma de desencobrimento. A técnica vige e vigora no âmbito onde se dá descobrimento ou des-encobrimento, onde acontece a ἀλήθεια, verdade” (Heidegger, 2002, p. 17). O esforço em todo texto que se segue será de explicitar, da forma mais completa e profunda possível, tal afirmação, para, assim, se chegar a uma compreensão ampla do conceito de técnica para o autor e suas variações no decorrer da história, possibilitando, a partir disso, uma análise sobre os desdobramentos de tal definição para o mundo pós-moderno.

2.1. Se pôr no caminho: a busca de um livre relacionamento com a essência da técnica

Para proceder tal explicitação, devemos atentar, primeiramente, que o ato de se levantar a questão da técnica, segundo Heidegger, constitui primordialmente um caminho, e tal percurso é desbravado pelo método fenomenológico. Ao se passar por ele, não se deve preocupar-se em demasia com a diversidade de frases e sentenças expostas, e sim com o caminho por ele mesmo. Tal trilha é a trilha do pensamento e, como tudo que se funda no pensamento, se funda também na linguagem, e, por esse motivo devemos ter especial apreço pelo caminho a ser trilhado, pois a “linguagem é a casa do ser” (Heidegger, 2010). Isso quer dizer que na linguagem se dá o próprio desvelamento do ser, e é “no fato de, no pensar, (que) o ser (pode) ter acesso à linguagem” (Heidegger, 2010). Se há a pretensão de se alcançar a verdade, deve-se atentar, cuidadosamente, para este fato.

Segundo Heidegger, questionar a técnica é conseguir proporcionar um livre relacionamento com a essência da técnica, mas, nesse processo, deve-se perceber que aquilo que é técnico não é, de forma alguma, a essência da técnica. Como exemplo dado pelo autor, ao procurarmos a essência de uma árvore não é tomando a jabuticabeira, como exemplo da essência da árvore, que encontraremos tal essência, visto que essa busca deve ser mais profunda. Portanto, não se pode encontrar a essência da técnica enquanto se lida com o que é técnico, e, incorrendo no erro de se pensar o contrário, apenas nos tornaríamos mais cegos para a essência da técnica, e isso ainda poderia levar a conclusões enganosas, como, por exemplo, se pensar a neutralidade da técnica – ou seja, que esta não seria nem boa nem má, e sim o que o homem faz dela – seria digno de apelo moral.

Então, onde se pode encontrar a essência da técnica? O autor responde a esse questionamento apresentando uma definição de essência, na qual se afirma que “essência é aquilo

que a coisa é enquanto é”, e, sendo dessa forma, bastaria apenas alcançar uma definição acertada de técnica para termos uma livre relação com sua essência. Como denota o autor:

De acordo com uma antiga lição, a essência de alguma coisa é aquilo que ela é. Questionar a técnica significa, portanto, perguntar o que ela é. Todo mundo conhece ambas as respostas que respondem esta pergunta. Uma diz: técnica é um meio para um fim. A outra diz: técnica é uma atividade de um homem. Ambas as determinações da técnica pertencem reciprocamente uma a outra. Pois estabelecem fins, procurar e usar meios para alcançá-los é uma atividade humana. Pertence a técnica a produção e o uso de ferramentas, aparelhos e máquinas, como a ela pertencem estes produtos e utensílios em si mesmos e as necessidades que a eles servem. O conjunto de tudo isso é a técnica. A própria técnica é também um instrumento, em latim instrumentum (Heidegger, 2002, p. 11).

Segundo o que se pode perceber desse fragmento, se for pensado a essência como definição da coisa, teríamos, então, duas definições correntes de técnica: ela sendo um meio para um fim e também sendo um fazer humano. Levada às últimas consequências, ambas se completariam entre si, a técnica seria: um meio para um fim e este meio é realizado pelo ser humano. Essa definição é chamada, pelo autor, de “determinação instrumental e antropológica da técnica”, pois toma a técnica como instrumento humano. Se analisada, pode-se perceber que a definição instrumental e antropológica da técnica tem a capacidade de definir não só a técnica moderna, mas a antiga também, pois tanto a flecha usada por tribos primitivas como a bomba atômica são, sem sombra de dúvida, meios para um fim realizado pelo ser humano, a saber, a aniquilação de seres vivos.

A definição instrumental e antropológica da técnica é correta, e, assim sendo, restaria apenas ao homem dominar o espírito da técnica e fazer bom uso dela. Mas será que apesar de correta essa definição alcança, com amplitude, a essência da técnica? Segundo Heidegger, a resposta para essa pergunta é não. Por ser correta a definição instrumental, nada garante que esta alcance a verdade. E o desencobrimento da essência só pode se dar em uma relação direta com a verdade. Como esclarece o trecho a seguir:

Dissemos acima que a determinação instrumental da técnica era correta. Com certeza. O correto sempre constata sempre algo exato e acertado naquilo que se dá e está em frente (dele). Para ser correta, a constatação do certo e exato não precisa descobrir a essência do que se dá e apresenta. Ora, apenas onde se der este descobrir da essência, acontece o verdadeiro em sua propriedade. Assim o simplesmente correto ainda não é o verdadeiro em sua propriedade. E somente este nos leva a uma atitude livre com aquilo que, a partir de sua própria essência, nos concerne. Embora correta, a determinação instrumental da técnica não nos mostra sua essência (Heidegger, 2002, p. 12-13).

Segundo o autor, para se encontrar o verdadeiro e a essência da técnica, deve-se, então, questionar o que é instrumental em si, ou seja, adentrar nas profundezas desse termo para que possa se fazer vir à luz a verdade por trás deste. Como instrumental se entende a definição da técnica como sendo um meio para um fim. Ora, meio é, justamente, aquilo que se faz esperando alcançar um fim, ou seja, um efeito. Por outro lado, aquilo que gera um efeito é, em si, uma causa, logo, todo meio é também, em si, uma causa. Por meio dessa análise se pode perceber, claramente, que onde reina a instrumentalidade de igual forma reina a causalidade, podendo-se entender, dessa forma, que a técnica, enquanto instrumental, subsiste apenas dentro de uma relação de causalidade.

2.2. A relação entre essência da técnica e a causalidade

Desde a Grécia antiga, mais precisamente a partir de Aristóteles, há uma investigação sobre a relação de causalidade, sendo que esse filósofo instituiu a existência de quatro causas, distintas entre si, mas que se relacionam para gerar toda e qualquer espécie de efeito, a saber: material, formal, eficiente e final. Por meio de um exemplo, dado pelo próprio Heidegger, fica mais fácil se compreender o que são e como operam tais causas: Ao tomarmos uma taça de prata usada em um ritual religioso, tal objeto foi causado, ou seja, é efeito de uma causa, pois este não possui a capacidade de gerar a si próprio. Por ter sido causada, a taça, concerne em si as quatro causas, acima mencionadas, sendo elas a causa material, em outras palavras, o material com que ela foi feita, neste caso a prata. Também há a causa formal, ou seja, a forma que a caracteriza como taça e a difere de outros objetos de prata.

Há também, ainda, duas causas que levam em consideração o desdobramento no tempo para se causar algo. A primeira é a causa eficiente, que é aquela que pela qual o objeto é gerado – no caso da taça se trata do artesão, que manuseia a prata –, e a segunda é a causa final, ou seja, o fim para que a coisa causada será utilizada – no exemplo, a finalidade da taça é o ritual religioso. Sobre tais causas, Heidegger levanta um ponto fundamental, que é a pergunta sobre o que de fato são essas causas? E, ainda, como e por que existem as quatro causas? Salientando que, apesar de Aristóteles fazer uso das já referidas causas, em momento algum é explicado como estas foram deduzidas e ainda o como se relacionam entre si. Ao longo da história da filosofia que se seguiu, após o estagirita, essa pergunta também não foi feita, apenas a doutrina das quatro causas foi aceita e dada como verdadeira. Porém, enquanto tais perguntas não forem respondidas, não saberemos, em definitivo, o que é a instrumentabilidade da técnica.

Segundo o autor, a palavra causa deriva do verbo *cadere*, ou seja, cair; em outras palavras, chegar em algum resultado. Ao se observar essa definição, poderia se incorrer no erro de se pensar que se causa é chegar a um resultado, logo, a relação de causalidade seria uma relação de eficiência, pois quanto mais rápido se chegasse a um resultado, melhor se efetivaria a causalidade, mas tal visão seria enganosa, pois, no seio da causalidade, não impera a eficiência, muito menos uma relação pragmática de produção. Para se compreender com exatidão a causalidade, temos de pensá-la no contexto em que ela surgiu, ou seja, pensar a causalidade da forma que os gregos a pensaram. Para os gregos, a causalidade era compreendida em uma relação de responder e dever, as quatro causas são, entre si, maneiras de responder e dever. Heidegger (2002, p. 14) explica tal relação usando como base o exemplo da taça, no trecho a seguir:

A prata é aquilo que é feito o cálice de prata. Enquanto uma matéria determinada, a prata responde pelo cálice. Este deve à prata aquilo de que consta e é feito. O utensílio sacrificial não se deve, porém, apenas a prata. No cálice, o que se deve a prata aparece na figura de cálice e não de broche ou anel. O utensílio do sacrifício deve também ao que é ao perfil do cálice. Tanto a prata, em que entra o perfil do cálice, como o perfil, em que a prata aparece, respondem, cada uma, a seu modo, pelo utensílio do sacrifício.

Responsável por ele é, no entanto, um terceiro modo. Trata-se daquilo que o define, de maneira prévia e antecipada, pondo o cálice na esfera do sagrado e da libação. Com ele, o cálice circunscreve-se, como utensílio sacrificial. A circunscrição finaliza o utensílio. Com este fim, porém, o utensílio não termina ou deixa de ser, mas começa a ser o que será depois de pronto. É, portanto o que finaliza, no sentido de levar a plenitude, o que, em grego diz a palavra *telos*. [...] Por fim, um quarto modo ainda pela integração do utensílio pronto: o ourives. Mas, de forma alguma, como causa *efficiens* fazendo com que, pelo trabalho, o cálice pronto seja efeito de uma atividade.

Observando esse exemplo, dado pelo próprio Heidegger, se pode perceber que as quatro causas, apesar de diferentes entre si, pertencem umas às outras na unidade que fornece coerência ao objeto causado. Pois elas, as causas, se tornam responsáveis umas pelas outras, assim como há

uma relação de dependência entre elas, nesta relação de responder e dever reside a unidade das causas, que gera a causalidade como um todo.

Caso se pergunte, ainda, o que de fato é causalidade? O filósofo de *Ser e Tempo*, responde que, entendendo a causalidade como sendo uma relação de responder e dever, tal relação é no fundo uma forma de “deixar viger”. Em outras palavras, deixar viger é uma forma de fazer algo aparecer, fazer algo vir à luz, é uma maneira de se fazer ser aquilo que ainda não é. No exemplo do cálice, ou taça de prata, antes deste ser causado, pelas quatro causas, que se relacionam em uma relação de responder e dever, o objeto não era, ou seja, não existia, apenas por meio da causalidade o cálice pode vir à luz, pode passar a ser o que de fato é. Em última instância, então, podemos entender a causalidade como este deixar viger.

2.3. A relação entre a essência da técnica e a ποιησις como αλήθεια

Ora, os gregos também possuíam um termo próprio para designar este processo de deixar viger, que faz ser o que ainda não é, a este era dado o nome de “ποιησις”, isto é, produção. Normalmente se atribui o termo ποιησις apenas a produção de algo de forma artesanal ou, ainda, ligado à produção das chamadas belas-artes, apesar de correta, tal assertiva não corresponde de forma integral à amplitude do termo supracitado. Tal produção corresponde, inclusive, a uma forma mais ampla de produção, que podemos chamar, inclusive, de máxima produção. Aqui, falo da produção da própria natureza, que pode ser considerada o próprio eclodir da produção. Sendo assim, produção corresponde à criação artesanal, artística ou mesmo da própria natureza. Como afirma Heidegger (2002, p. 16) no trecho a seguir: “Assim os modos de deixar viger, as quatro causas, jogam no âmbito da produção e do pro-duzir. É por força deste último que advém a seu aparecimento próprio, tanto o que cresce na natureza como também o que se confecciona no artesanato e se cria na arte”.

Tomando por base que a produção é este deixar viger, que por meio da causalidade traz à luz aquilo que é novo e desconhecido, podemos perceber claramente que a produção conduz àquilo que antes era encoberto para o descobrimento. Os gregos tinham uma expressão para designar o descobrimento, e tal termo é a αλήθεια. Esse termo pode ser traduzido para o latim como *veritas*, e, para nosso idioma, como *verdade*, porém, ao ser traduzido diretamente como verdade, perde parte de seu significado original, pois, para os gregos, αλήθεια possuía um sentido de retirada dos véus que encobrem algo, seria como um trazer à luz ou ainda um descobrimento de algo encoberto.

Retomando, agora, o fio condutor dessa investigação sobre a essência da técnica, pode-se perceber, até o momento, que a essência repousa no que a técnica é, de fato. Analisando as concepções correntes, chega-se à definição instrumental, que afirma a técnica como um meio para um fim. Tal instrumentabilidade é regida pela causalidade, e as relações de responder e dever, que formam a unidade da causalidade, são formas de se deixar viger algo. Esse trazer à luz é chamado de produção, que é, em si, descobrimento, que é chamado pelos gregos e por nós de verdade. Por meio dessa análise, pode-se perceber que a essência da técnica é, em si, verdade enquanto descobrimento.

Essa afirmação pode causar estranheza, mas, segundo Heidegger, não se pode considerar a técnica mero meio para um fim, ela é, sim, verdade, enquanto descobrimento. Pois, por meio da técnica, aquilo que não era passa a ser, a coisa que permanecia oculta, após passar pela técnica, se descobre e se mostra para o mundo. Para solucionar toda e qualquer estranheza que a afirmação anterior possa ter gerado, Heidegger propõe uma investigação sobre o termo técnica. Segundo o autor, a expressão técnica deriva do grego τέχνη, que não designa apenas o fazer artesanal, mas também a produção artística, ou seja, mesmo fazendo a busca histórica do termo técnica, se comprova que o termo está ligado à produção (ποιησις) e ao descobrimento

enquanto verdade. Desde os gregos, também, a palavra τέχνη anda junto de um outro termo, a saber, ἐπιστήμη, traduzido para nosso idioma como ciência, ambos são formas de descobrimento da verdade. Porém, há uma diferença significativa entre as duas que pode ajudar a clarear um pouco mais a questão sobre a essência da técnica: enquanto a ciência é uma forma de descobrimento que procura aquilo que se dá por si mesmo, como, por exemplo, a natureza, por outro lado, a técnica descobre aquilo que não consegue se dar por si mesmo, que precisa de uma intervenção para que venha à luz, como, por exemplo, a taça de prata.

2.4. Diferenciação entre a técnica antiga e moderna

A visão sobre a essência da técnica apresentada até aqui, que afirma que a técnica em sua essência é uma forma de verdade, enquanto descobrimento, que desvela aquilo que não se dá por si mesmo e se efetiva por meio da produção, entendida como ποιησις, pode ser questionada, afirmando que ela não é válida, ou seja, não dá conta de compreender a complexidade da técnica moderna, pois esta afeta em um grau muito maior nossa existência, tornando-se determinante do modo de ser-no-mundo próprio do homem na modernidade.

A técnica moderna se apoia na maquinaria e na aparelhagem, que têm se tornado cada dia mais complexos e multifuncionais. Pode-se citar como exemplo as grandes usinas que exploram a natureza até sua exaustão completa, ou, ainda, a moderna ciência cibernética, que não só atua como forma de logística social, mas também controla boa parte da produção humana e ainda permite, aos seus possuidores, ser carregada no bolso para onde estes bem quiserem.

Para a criação de tais máquinas e aparelhos a técnica moderna depende, quase inteiramente, da moderna ciência exata da natureza, que tem por finalidade medir e calcular cada milímetro da natureza e ainda prever e analisar qual a melhor forma desta servir em favor do homem. Porém, a moderna ciência da natureza também é dependente da técnica, pois é esta que irá fornecer a outra a aparelhagem necessária para ela executar seus cálculos e medições. Aqui, pode-se perceber uma mútua dependência entre ciência moderna e técnica moderna.

Essa mútua dependência, analisada a fundo, caracteriza, também, a técnica moderna como uma forma de descobrimento, mas esse descobrimento não se dá em um sentido de ποιησις, que se caracteriza como modo de produção, seja de forma artesanal ou artística. A técnica moderna se caracteriza por possuir um desvelar com a finalidade de extrair e armazenar energia da natureza, seja ela da espécie que for. Essa diferença fica clara no trecho a seguir:

O descobrimento dominante na técnica moderna não se desenvolve, porém, numa produção no sentido de Ποιησις. O descobrimento que rege a técnica moderna, é uma exploração que impõe à natureza a pretensão de fornecer energia, capaz de, como tal, ser beneficiada e armazenada. Isto não vale relativamente ao antigo moinho de vento? Não! Suas alas giram, sem dúvida, ao vento e são diretamente confiadas ao seu sopro. Mas o moinho de vento não extrai energia das correntes de ar para armazená-la (Heidegger, 2002, p. 19).

Nesse trecho fica bem clara a diferença fundamental entre a técnica antiga e a moderna. Enquanto a primeira faz uso da natureza apenas como meio da produção de algo, a segunda tem uma característica exploradora, que pode se tornar destrutiva e, por vezes, opera no aguardo de maiores rendimentos financeiros. Heidegger (2002) coloca outro exemplo, que trata da diferença entre uma ponte e uma usina hidroelétrica, ambas instaladas no rio Reno. A ponte é uma obra da técnica desvelada no rio que faz uso deste para permitir a passagem de um lado a outro, mas sem interferir na essência dele. Por outro lado, a hidroelétrica é uma obra da técnica, descoberta no rio, que o usa para girar suas turbinas e assim gerar energia, e esta é armazenada ou distribuída segundo a necessidade. Nesse processo, o rio é modificado, a paisagem é modificada e, por fim, percebe-se, quase por evidência, que não é a usina que está instalada no rio, mas o rio que foi

incorporado à usina. Pode-se observar, também, o artista que, diante do rio, desvela um quadro, atestando, assim, a majestade deste e a indústria do turismo, que, para demonstrar a “majestade” do rio, procura levar para ele o número maior de pessoas, construindo, em suas margens, hotéis, e, assim, explorando ao máximo sua beleza.

Até mesmo a agricultura deixou seu caráter originário de produção, que era realizado pelo homem mais primitivo com instrumentos rudimentares, tornando-se uma “indústria motorizada da alimentação”, que visa produzir alimentos não apenas para a subsistência, mas, também, para constituir estoque (Heidegger, 2002).

Por meio desses exemplos, pode-se perceber com clareza a diferença entre a técnica antiga e a moderna. O descobrimento que domina a técnica moderna possui a característica de explorar a natureza, e tal exploração possui duas acepções bem definidas, a saber, processar, à medida que abre e expõe, e obter o máximo rendimento com o menor custo. A primeira se caracteriza pelo fato de que, conforme a exploração acontece e a natureza é processada como energia e armazenada, esse feito também deixa-a exposta à destruição. Para essa situação não é difícil encontrar um exemplo. Usarei o seguinte: quando mineradores descobrem uma jazida em uma mata virgem, esta logo é aberta e, assim, exposta a toda e qualquer forma de infortúnio em nome da exploração. A segunda acepção afirma que, enquanto se opera a exploração, o explorador se preocupa em retirar da natureza o máximo possível se gastando o mínimo. Para se entender melhor, pode-se pensar por que o ser humano investe tanto em energia nuclear como forma de se obter energia elétrica, sendo que esta pode, com um pequeno descuido, destruir toda a humanidade, assim como o planeta como um todo. Se o faz é pelo simples fato que essa forma de energia tem a capacidade de gerar grandes quantidades de eletricidade, para ser armazenada, com um custo baixo.

Essa forma de exploração, que caracteriza o desencobrimento próprio da técnica moderna, torna a natureza um mero objeto a ser medido, calculado, explorado, extraído, processado, armazenado, distribuído e, por fim, se torna vendido, sendo sujeito aos valores mercadológicos. Assim, se forma a coisificação da natureza, feito que torna aquela que antes era fonte de beleza e mistério um objeto, uma coisa, disponível para o ser humano manusear e explorar ao seu prazer pessoal. Esse modo de desencobrimento, característico da técnica moderna, que tem por base a exploração e que toma a natureza como disponível, ou seja, como disposição ao ser humano, apresenta, aqui, seu primeiro problema, pois, se o homem vê a natureza apenas como algo a ser explorado como objeto, ou coisa, deixa de se perguntar sobre o que a natureza é de fato, perguntar sobre o que é, no fundo, é se perguntar sobre o “ser” e este questionar é esquecido pelo homem, ao passo que ele coisifica o real como disposição. E o homem é o único ente capaz de fazer a pergunta sobre o ser, assim como também é o único que tem a capacidade de ser desafiado a poder ver o real como disponível para uso.

Mas será que, nesse processo de coisificação da natureza, o próprio ser humano não se torna disposição, ou seja, objeto apto à manutenção e à exploração? Se considerado algumas coisas, tais como as práticas de eugenia realizadas em algumas clínicas ou ainda o “capital humano” que a indústria explora diariamente até a última gota de suor, em prol de uma maior produção, talvez essa discussão poderia se prolongar. Mas Heidegger a encerra afirmando que, pelo fato de o homem ser o único desafiado a explorar a natureza, como disposição, então, este não pode ser mera disponibilidade.

Há, aqui, um ponto importante, levantado pelo próprio Heidegger, que deve ser salientado, a saber, o homem participa da disposição, que é a forma que a natureza se mostra como disponível a exploração, como modo de desencobrimento, ou seja, como modo de trazer algo à luz, mas o próprio desencobrimento não é feito pelo homem, pois todas as vezes que o homem tenta abrir seus olhos e ouvidos para perceber o real que se desvela, como disposição,

esse desvelamento já ocorreu, e o que o homem acaba por apreender e analisar são suas representações da coisa já descoberta. Assim, se não é o homem que realiza o desencobrimento, quem o faz? Sem dúvida, quem o realiza é a própria técnica, pois a esta cabe o desvelamento que gera no homem o apelo, ou desafio, de ver a natureza como disposição. Tal afirmação fica clara no trecho que se segue:

Se o desencobrimento não for um simples feito do homem, onde é e como é que ele se dá e acontece? Não carece procurar muito longe. Basta perceber, sem preconceitos, o apelo que já sempre foi reivindicado pelo homem, de maneira tão decisiva, que, somente neste apelo, ele pode vir a ser homem. Sempre que o homem abre olhos e ouvidos e desprende o coração, sempre que se entrega a pensar sentidos e a empenhar-se por propósitos, sempre que se solta em figuras e obras ou se esmera em pedidos de agradecimento, ele se vê inserido no que já se lhe re-velou. O desencobrimento já se deu, em sua propriedade, todas as vezes que o homem se sente chamado a acontecer em modos próprios de desencobrimento. Por isso, desvendando o real, vigente com seu modo de estar no desencobrimento, o homem não faz senão responder ao apelo do desencobrimento, mesmo que seja para contradizê-lo. Quando, portanto, nas pesquisas e investigações, o homem corre atrás da natureza, considerando-a um setor de sua representação, ele já se mostra com uma forma de desencobrimento. Trata-se da forma de desencobrimento da técnica que o desafia explorar a natureza até que o objeto desapareça no não objeto da disponibilidade (Heidegger, 2002, p. 22).

Após essa análise, pode-se, agora, perceber a diferença entre técnica antiga e moderna e ainda se colocar uma definição na técnica moderna, sendo esta uma forma de desencobrimento que faz o homem descobrir o real e dispor dele como disponibilidade, ou seja, como fonte de exploração e uso.

2.5. A essência da técnica moderna: a questão da “composição” (*Ge-stell*)

Após se chegar a essa definição de técnica moderna, tomada aqui como forma de desencobrimento que faz o homem descobrir o real e dispor dele como disponibilidade, resta, ainda, a pergunta fundamental, a saber, qual é e onde reside a essência da técnica moderna? Para responder a essa pergunta, Heidegger comete o que ele chama de uma certa extravagância, que é nomear o apelo, ou força, a exploração, da natureza, que reúne o homem a dispor do que se descobre, do real, como disponibilidade, de “composição”, ou no alemão *Ge-stell*. Nas palavras do próprio filósofo: “Chamamos aqui de com-posição (*Ge-stell*) o apelo de exploração que reúne o homem a dispor do que se dê-encobre como disponibilidade” (Heidegger, 2002, p. 23). Esse termo, usado em sua forma comum, normalmente designa algum equipamento e/ou estrutura que tem por fim sustentar algo. Porém, o filósofo dá uma ênfase nova à expressão, conferindo a esta novo sentido, como força que desafia o homem ver o real como disponibilidade, ou seja, enxergar a conjuntura das coisas, que, de alguma forma, são passíveis de exploração.

Mas o ser humano não possui a capacidade de gerar composição a si mesmo, ou seja, originar, em si próprio, o apelo explorador, visto que tal tarefa de levar o homem a ver o real como disponibilidade é responsabilidade da técnica moderna. É esta que gera, no humano, a composição, pois sua essência é, em si, a própria composição, ou seja, a essência da técnica moderna, aquilo que faz ser o que ela é, que, em si, é esta força que leva o ser humano a ver o real como disponibilidade para sua exploração. Heidegger salienta que a composição é também uma forma de desencobrimento, pois traz à luz aquilo que estava oculto, porém, esse desvelamento tem como foco a exploração, e é ele que rege a técnica moderna. A composição, assim como a *ποίησις*, é uma forma de desencobrimento que orienta a técnica e ambos não possuem nada de técnico, porém, pode-se perceber que há uma diferença significativa entre ambos. A *ποίησις* rege a técnica antiga e se caracteriza pela produção, artesanal ou artística, com fim no desvelar. Por

outro lado, a composição, que rege a técnica moderna, se caracteriza pela exploração, em um sentido de tomar o real como disponibilidade com um fim também no desvelamento. Apesar dessa diferença entre a composição e a ποιησις, o filósofo afirma que há um parentesco entre ambas, a saber, uma proximidade das essências. Tal parentesco se dá pelo motivo de que ambas são, em si, formas de desencobrimento do real, ou seja, ambas são formas de ἀλήθεια, resguardando as diferenças supracitadas.

Sendo observado este fato, que a composição é uma forma de desvelar, se pode perceber que, novamente, a definição instrumental da técnica, ou seja, ela como um meio para um fim e um fazer do homem, não consegue dar conta do sentido da técnica moderna, e nem da técnica antiga, em sua amplitude, pois, está não leva em consideração o fato da composição, e assim sendo também a técnica moderna, serem formas do desencobrimento do real. Fica como verdade que o homem da técnica moderna é um indivíduo comprometido com o desvelamento, portanto, comprometido com a ἀλήθεια, porém, essa forma de desencobrimento visa à exploração da natureza.

Heidegger (2002, p. 24) afirma que esse comportamento do homem, que vê o real como disponível para a exploração, ou seja, orientado pela composição, tem sua origem a partir do desenvolvimento das ciências modernas, como fica claro no trecho a seguir:

[...] em primeiro lugar ele lida com a natureza, enquanto o maior reservatório das reservas de energia. Em consequência, o comportamento dis-positivo do homem mostra-se, inicialmente, no aparecimento das ciências modernas da natureza. O seu modo de representação encara a natureza, como sistema operativo e calculável de forças. A física moderna não é experimental, por usar nas investigações da natureza, aparelhos e ferramentas. Ao contrário: porque já, na condição de pura teoria, a física leva a natureza a condição de ex-por-se, como um sistema de forças, que se pode operar previamente, é que se dispõe do experimento para testar, se a natureza confirma tal condição e o modo em que o faz.

Por meio desse trecho, pode-se perceber que a técnica moderna, como forma de exploração do real, só pode ser posta em marcha a partir do desenvolvimento das ciências modernas, tal qual a física. São essas que, de forma mais original, interpretaram a natureza, calculável e medível, como uma disposição pronta para a exploração do homem, ou seja, como fonte de recursos a serem extraídos, processados, armazenados e, por fim, distribuídos. Porém, ao se analisar com mais profundidade, o que se percebe é que na ciência moderna, que é historicamente mais antiga que a técnica moderna, já havia uma força que desafiava o homem a ver a natureza como disponibilidade para a exploração. Ora, essa força já foi nomeada, e a ela se dá o nome de composição. Então, seria a essência da técnica, em si, mais antiga que a própria técnica? Segundo Heidegger, a resposta a tal pergunta é, sim, a composição como força, que rege a própria física moderna, isso antes mesmo da existência da técnica moderna. Pode-se concluir, com isso, que a física, como teoria da natureza, não abriu caminho para a técnica moderna, mas, para a essência da técnica moderna, a composição, que rege a própria física moderna.

Ainda sobre a relação entre as ciências e a técnica moderna, pode-se afirmar que se a técnica se utiliza das ciências como fonte de informação sobre as possibilidades e disponibilidades, de reservas energéticas, para a exploração da natureza, e, assim como a moderna física, se obriga a fazer uso das máquinas e aparelhos advindos da técnica para prosseguir com seu desencobrimento do real, essa relação de dependência ocorre porque a essência da técnica repousa na composição, o que garante um livre contato entre ambas. Mas não podemos considerar a técnica mera utilização das ciências, bem como alcançar a composição ainda não garante uma resposta plena e completa sobre a questão da técnica.

2.6. A composição (*Ge-stell*) como destino

Foi analisado, até este momento, que a técnica moderna se caracteriza por perceber o real como disponibilidade para a exploração e que sua essência, a composição, é justamente a força que desafia o homem a ter tal visão. Esta essência é distinta da Ποίησις, que rege a técnica antiga, porém, é também uma forma de desencobrimento do real, que perpassou a ciência moderna, antes mesmo de atingir a técnica moderna.

Tomando a composição, como forma de desencobrimento do real, pode-se perceber que esta essência da técnica moderna sempre põe o homem a caminho de descobrir o real como disponibilidade. Ora, por a caminho é destinar, ou seja, criar um destino. Segundo Heidegger, destino é a força encaminhadora que põe o homem em uma forma de desencobrimento, ou seja, é a forma que faz o ser humano desvelar o real de uma maneira específica, é a força que impele o homem a interpretar o mundo de uma forma única, e, ainda dentro de um momento histórico específico. Como o filósofo explica no trecho a seguir:

Por isso, denominamos de destino a força de reunião encaminhadora, que põe o homem a caminho de um desencobrimento. É pelo destino que se determina a essência de toda a história. A história não é um mero objeto da historiografia nem somente o exercício da atividade humana. A ação humana só se torna histórica quando enviada por um destino. E somente o que já se destinou a uma representação objetivante torna acessível, como objeto, o histórico da historiografia, isto é, de uma ciência (Heidegger, 2002, p. 27).

Dessa forma, a composição é, em si, uma forma de destino, pois esta leva o homem a descobrir o real como disponibilidade. Tal formulação pertence, exclusivamente, a um momento histórico, a saber, se iniciou com a revolução industrial e perdura até os dias atuais, sendo que, em outros momentos da historiografia, o homem pode desvelar o real de outras formas, como na Idade Média, em que o real era desenhado como obra divina.

O destino sempre guia o homem em seu ser, pois, este, o humano, toma o destino como norteador para a forma pela qual ele cria suas representações do mundo, ou seja, o medieval, que possuía como forma de destino Deus, criava para si a representação de um mundo desenhado como divinizado, toda relação dele com o real era, no fundo, uma relação com o divino. Da mesma forma, o homem moderno, que possui como destino a composição, cria para si a representação do real como disponibilidade, para a exploração, e a partir disto se funda a técnica moderna. Porém, Heidegger salienta, com relação ao destino, que o homem apenas é livre ao se tornar ouvinte do destino no qual se está inserido, e ser ouvinte não se trata de obedecê-lo, ou seja, desvelar e representar a realidade conforme o destino, que se faz existir, tornando-se escravo deste. Trata-se, sim, de escutá-lo em um sentido de se questionar, a fim de saber qual é e para onde caminha tal destino, afinal, liberdade presume uma relação direta com a verdade. Por fim, entende-se que a essência da técnica moderna repousa na composição, que, por sua vez, pertence ao destino atual, que desenha o mundo como disponibilidade, ou seja, o fato de a técnica moderna reger a existência é apenas parte do destino desse período histórico.

3. Analítica do perigo que permeia a técnica moderna

Foi analisado, até o momento, que a técnica, como um todo, é uma forma de ἀλήθεια, em outras palavras, desencobrimento do real, sendo que a técnica antiga se caracteriza como ποίησις, que é a forma de desvelar o que ainda não é, sendo válida para aquilo que não o faz por si mesmo, por meio da produção, seja ela artesanal ou artística. Por outro lado, a técnica moderna é caracterizada por possuir seu desencobrimento em um sentido de exploração do real, que é

desencoberto como disponibilidade, fato que ocorre por essa forma de técnica ter como sua essência a chamada composição, que é a força que desafia o homem a ver o real como disponibilidade. A composição se tornou uma forma de destino, que é a força encaminhadora com que o ser humano descobre a realidade, ou seja, o homem da idade da técnica passou a ver o real como mera disponibilidade de exploração.

Assumindo a composição como destino, segundo Heidegger, resta ao homem da idade da técnica duas possibilidades: a primeira é favorecer o que se descobre da disposição e retirar daí todos os parâmetros para orientar a realidade, ou seja, apenas aceitar que a natureza é uma fonte de energia, a disposição do homem e explorá-la usando as ciências para pensar novos modos de fazê-lo, além de deduzir desse feito verdades para orientar a vida cotidiana. Essa posição é claramente a mais aceita pela humanidade, uma vez que o ser humano da idade da técnica está habituado a ver todo o real como disponibilidade de exploração, ou seja, já foram afetados pela composição. Um homem comum, ao olhar para uma paisagem virgem, automaticamente pensa o que faria para explorá-la e, assim, obter lucros com ela. Porém, a aceitação dessa posição fecha as portas da percepção para a segunda possibilidade de o homem lidar com a composição como destino.

Essa segunda possibilidade constitui a forma que o homem pode buscar a essência da coisa que se descobre e seu descobrimento. Em outras palavras, isso seria a retomada da pergunta, iniciada pelos filósofos pré-socráticos, sobre o que são de fato as coisas que se desvelam do real, que é a questão da interrogação sobre o ser, que foi esquecida nos últimos séculos. Entre essas duas possibilidades existe o que Heidegger chama de *o perigo dentre os perigos*, que se trata do fato de o homem não mais poder distinguir o verdadeiro do correto, por exemplo. Apesar de o homem poder medir e calcular a natureza com base na exata física moderna, este não mais sabe o que ela é de fato, pois não mais realiza a pergunta sobre sua essência, apenas a toma como disponibilidade de exploração.

Aceitando o fato que o destino, na idade da técnica, repousa na composição, pode-se afirmar que o perigo antes anunciado se dá em duas frentes distintas. O primeiro grande perigo ocorre quando o desencoberto não atinge mais o homem como objeto, mas apenas como disponibilidade, ou seja, quando o humano se depara com o real, não o vê mais como coisa que se desvela, possibilitando, assim, uma pergunta sobre a essência daquilo que se mostra e, por fim, sem o questionamento sobre o ser humano, não consegue alcançar uma livre ralação com o real. Dessa maneira, todo o real se torna, para o homem da idade da técnica, mera disponibilidade para o uso, sendo vetada a possibilidade de se encontrar uma verdade que não seja deduzida da técnica. Como Heidegger (2002, p. 29) explica no trecho que se segue:

Quando o des-coberto já não atinge o homem, como objeto, mas exclusivamente, como disponibilidade, quando, no domínio do não objeto, o e reduz a apenas dis-por da dis-ponibilidade – então é que chegou a ultima beira do precipício, lá onde ele mesmo só se toma por dis-ponibilidade.

Este problema acarreta, ainda, outra consequência, a saber, o fato de que na medida em que o homem passa a ver o real apenas como disponibilidade, cresce, assim, a aparência que tudo que vem ao encontro do homem é feito pelo próprio homem, ou seja, em toda parte o humano só se encontra consigo mesmo. Pode-se entender essa consequência da seguinte forma: o ser humano, vendo o real como disponibilidade, descobre, por meio da técnica moderna, explorando e transformando a natureza em um produto seu, porém, ao olhar para o mundo, não se vê o real como era em sua forma original, pois o que se enxerga são apenas produtos do próprio homem, desvelados pela técnica. Logo, para qualquer ponto que se olhe do real, o que se percebe é o próprio homem. Mas, apesar de haver uma aparência que o homem em toda parte só se

encontra consigo mesmo, esta é enganosa, pois o homem nunca esteve tão distante de si mesmo, e isso se deve ao fato de que se a composição como destino retira a possibilidade de uma pergunta sobre a essência do real, também desaparece a pergunta sobre a essência do homem e, sem esta, o ser humano se afasta de si mesmo.

O segundo grande perigo, que decorre do fato de se tomar a composição como destino está no fato de que a técnica moderna, como desvelamento do real, impede que outras formas de descobrimento ocorram, ou seja, o descobrir como disposição se torna a única forma de desvelar do homem da idade da técnica. A composição, tomada como descobrimento, encobre, sobretudo, o desvelamento chamado de *ποίησις*, ou seja, aquele que deixa o real aparecer à luz, por meio da produção, em todo o seu ser. Sobre isso, Heidegger (2002, p. 30) escreve:

A com-posição não põe, contudo, em perigo apenas o homem em sua relação consigo mesmo e com tudo que é e está sendo. Como destino, a com-posição, remete ao descobrimento do tipo da dis-posição. Onde esta domina, afasta-se qualquer outra possibilidade de descobrimento. A com-posição encobre, sobretudo, o descobrimento, que, no sentido da *Ποιησις*, deixa o real emergir para aparecer em seu ser. Ao invés, o pôr da ex-ploração impele à referência contrária com a que é e está sendo. Onde reina a com-posição é o direcionamento e asseguramento da dis-ponibilidade que marcam todo o descobrimento. Já não deixam aparecer o descobrimento em si mesmo, traço essencial da dis-ponibilidade.

Em outras palavras, o homem que tenha sido desafiado pela composição a dispor do real como disponibilidade de exploração, não mais consegue encarar a realidade senão como disposição de uso. Assim sendo, este indivíduo perde a capacidade de desvelar o mundo de outra forma, como que pela *ποίησις*, por exemplo. Esse ser humano passará a viver apenas segundo os ditames da técnica moderna, e todas as verdades que fazem referências ao real, serão deduzidas desta.

4. Conclusão

Por meio dessa análise sobre o real perigo da técnica moderna, pode-se perceber que a composição não encobre apenas a *ποίησις*, que caracterizava a técnica antiga, mas toda e qualquer forma de desvelamento, distinto da disposição, impedindo, assim, que o indivíduo faça um descobrimento mais original e profundo do real. Sendo dessa forma, a composição depõe a própria verdade, compreendida como *αλήθεια*, pois esta significa, em seu sentido original, desvelar, e, uma vez que o descobrimento foi vetado pela essência da técnica moderna, logo, toda a relação do homem para com a verdade foi afetada.

A técnica moderna não é, por ela mesma, perigosa ou demoníaca, e muito menos os aparelhos e máquinas, resultantes da técnica moderna, são uma ameaça à humanidade. O grande perigo advém da misteriosa essência da técnica, a composição, que, por um lado, faz o homem ver o real apenas como disponibilidade e, por outro, encobre toda e qualquer forma distinta de desvelamento, comprometendo, assim, a relação do homem com a verdade. Por fim, a composição chega a afetar a própria essência do homem, pois seu domínio veta um descobrimento mais original e profundo do real, característica fundamental daquele que é o único capaz de fazer a pergunta sobre o ser.

Referências

- HEIDEGGER, M. A questão da técnica. In: HEIDEGGER, M. *Ensaios e conferências*. 8.ed. Petrópolis:Vozes, 2002. p. 11- 32.
- _____. *Ser e tempo*. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. *Sobre a questão do pensamento*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. *O fim da filosofia ou a questão do pensamento*. Petrópolis: Vozes, 2010.

MARCONDES, D. *Textos básicos de linguagem – De Platão a Foucault*. São Paulo. Zahar, 2010.

Submissão (1ª versão): 29-11-2017

Aceito para publicação: 09-04-2018